



CIRCULANDO AFRICANIDADES

**Estudantes do CEF 02 do Paranoá – 7º Ano A - Matutino
CRE – Paranoá**

Estudantes:

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| 01. Alicia Gomes Fonseca | 11. Juan Gabriel dos Santos Aguiar |
| 02. Aline da Cunha Maia | 12. Leandro Eduardo F. da Silva |
| 03. Alysson Amorim Barros | 13. Lucas Vinícius Souza Rocha |
| 04. Ana Beatriz R. Albernaz | 14. Luiz Riquelme Santos Souza |
| 05. Andre Henrique dos S. Reis | 15. Meirielly Alves Andrade |
| 06. Evelyn Vasconcelos da Cruz | 16. Rafael Lima Cordeiro |
| 07. Heloisa Barbosa de Souza | 17. Vitor Hugo da Silva Ribeiro |
| 08. João Dhiego Freitas da Silva | 18. Vitória de Jesus Gomes |
| 09. João Marcos Sousa Brito | |
| 10. Jonathan de Santana Santos | |

Professoras orientadoras:

Yvone Robine

Maria Goretti Vieira Vulcão

BRASÍLIA, 2022

Resumo

A perspectiva de um olhar decolonial para a interpretação da História, fortaleceu elementos para que pensássemos em recontar a história a partir do que os três povos (Europeus – africanos – indígenas) nos trouxeram e que nos afeta diretamente. Sendo assim, começamos a revisitar as narrativas históricas a partir do nosso lugar na atualidade.

Observando os eventos de racismos frequentes envolvendo a população afro-brasileira nos noticiários e sobretudo, considerando os relatos e constrangimentos vivenciados pelos estudantes em nossa comunidade, propusemos (vídeos, textos, músicas, grupos de cultura) reflexões sobre o papel do negro em uma sociedade estruturalmente racista e preconceituosa. É necessário também salientar que estamos considerando que 75% dos estudantes do CEF 02 é hoje formado estudantes negros e pardos.

Sendo assim, começamos a contar a história a partir da atualidade dura vista nos noticiários, utilizamos da contação de histórias para nos aproximar afetivamente da cultura africana que nem sempre é valorizada e reconhecida pelos estudantes.

O objetivo era refletir sobre o papel do negro na sociedade brasileira, a falta de representatividade negra nos contos, nas histórias reais, na história oficial que constroem nossa cultura artística, política, social e científica. Existem negros brasileiros que tem ou tiveram grande impacto nesse processo e que julgamos não terem tido o devido reconhecimento, por isso, esse projeto visa apresentar esses personagens para os estudantes e construir junto com eles um painel de grandes brasileiros, muitas vezes esquecidos pela História tradicional.

Além de construir esse painel, pesquisando a história pessoal e contextual de todos esses ilustres brasileiros, refletimos sobre como os estudantes gostariam de compartilhar essas histórias e informações com as outras pessoas. Nesse momento nos deparamos com outro importante objetivo do projeto: promover a inclusão digital desses jovens que participam apenas de algumas interfaces nesse processo. Partimos do estudo dos contextos da vinda da população africana para o Brasil, os dramas, as lutas e a resistência dessa população escravizada, os conceitos de racismo estrutural e as políticas públicas que procuram impulsionar a luta diária dos brasileiros rumo a um cenário mais justo e equânime para todas e todos, seguindo em direção ao registro digital de nossa pesquisa digital em um site que tivesse as marcas do trabalho de cada estudante.

Palavras-chave: decolonialidade; equidade; racismo estrutural; cultura

Apoio financeiro

Gabinete 24 – Emenda Parlamentar – Deputado Fábio Felix

O recurso investido está sendo utilizado no pagamento dos oficinairos que oferecem formação tanto para professores, quanto para estudantes. Além das oficinas, utilizaremos o recurso para a preparação do Festival Dya Kassemble de Contação de Histórias programado para o mês de outubro de 2022.

Introdução

É certamente um desafio, motivar jovens pré-adolescentes a se interessar pelos problemas das sociedades antigas e seus fanatismos religiosos feudais. Esses temas parecem um tanto distantes, quando os problemas cotidianos impõem a esses jovens, restrições cada vez maiores, enfraquecendo sua motivação e investimento na educação. Diante desse quadro, procuramos iniciar nossas reflexões a partir de problemas reais enfrentados no dia a dia de nossa escola. A falta de motivação, palavrões constantes, agressões, desrespeitos à figura das mulheres, homofobias, racismo, baixa autoestima entre outros. Como tratar desses assuntos de forma franca e transformadora, para que os estudantes percebam a necessidade de construirmos um ambiente saudável e produtivo para nossas aulas?

A perspectiva de um olhar decolonial para a interpretação da História surge como uma alternativa interessante no início desse debate, propondo a possibilidade de recontar a história a partir do lugar onde a África mais nos afeta, a cor da pele. Sendo assim, começamos a revisitar as narrativas históricas a partir do nosso lugar na atualidade, discutindo eventos de racismos frequentes envolvendo a população preta brasileira nos noticiários, na internet, propondo rodas de conversa, incentivando entre os estudantes, reflexões sobre o papel do negro em uma sociedade estruturalmente racista e preconceituosa. É importante salientar também que estamos considerando que 75% dos estudantes do CEF 02 é formado estudantes negros e pardos.

Outro aspecto considerado, foi o que nos revelou a pandemia de covid19 sobre a diferença de oportunidades ente os estudantes da rede privada e a dos estudantes do ensino público no que diz respeito ao acesso a rede de internet e as ferramentas digitais de modo geral. A diferença de acesso deixou esses jovens completamente isolados. A situação só não foi pior em função dos grupos de *WhatsApp*, ferramenta com um mínimo de interação, amplamente utilizados pelos professores como ferramenta pedagógica nesse período. Portanto, um dos objetivos é unir o desejo, aptidão e dedicação dos estudantes com relação ao uso da internet e das ferramentas digitais e assim propor a criação de um site, com participação das turmas, que tenham o objetivo de enaltecer personalidades negras e suas contribuições para nossa sociedade, além de dar voz aos estudantes que muito tem a contribuir no debate dos temas e problemas contemporâneos.

A proposta estrutural desse projeto é o protagonismo dos estudantes, por isso, optamos por percorrer um caminho alternativo ao programa curricular e experienciar as vivências dos estudantes, seus cotidianos caóticos, cheios de dificuldades e reencontrar o "colo" generoso da mãe África, como evidencia o compositor Emicida em sua música "Mufete". Sairemos de onde a África nos afeta, de onde o racismo estrutural e a falta de oportunidades interferem em nossos planos para o futuro, aqui no Paranoá e Itapoã.

Problema

O projeto inicia suas atividades após o 2º Bimestre de 2022 quando, no planejamento de História, os estudantes terminaram de visitar a Idade Média, passando pelo surgimento da burguesia europeia e da expansão das recém-formadas cortes portuguesa e espanhola, que se lançaram em uma lucrativa empreitada comercial, marcada pela anexação de "novos" territórios pelo mundo.

Não é à toa que a avaliação bimestral de História do 1º bimestre trouxe a seguinte reflexão: a história do Brasil começa com os portugueses em 1500? Qual era a intenção da coroa

portuguesa ao estabelecer um ponto de posse colonial no litoral brasileiro? Nesse momento de expansão comercial, onde os portugueses obtinham realmente seus lucros?

A partir dessas perguntas os estudantes passaram a visualizar a “entrada” oficial tanto da África, como do continente americano na “História Oficial”, produzida pelos historiadores europeus. Esse olhar crítico, se configura como o primeiro tomo de “descolonização”, “eurocentrismos” que buscamos despertar nos estudantes. É preciso perseverar, avançar e conhecer mais a fundo as sutilezas da política e da economia e entender melhor a nossa matriz cultural mais forte: as diferentes culturas africanas, com suas múltiplas geografias, suas riquezas, diversidades e problemas.

Para reforçar esse esforço de representatividade e inclusão, decidimos que fazer um painel com personalidades negras importantes, desconhecidas para os estudantes e apresentá-las na rede em um site, passa a se configurar como um gesto de reconhecimento e resistência.

Metodologia

Diante da programação geral e das etapas do projeto Circulando Africanidades, oferecemos aos professores das diversas disciplinas, a possibilidade de se organizarem para explorarem de forma mais direta as diferentes etapas do projeto e as oficinas que tem trazido à escola artistas e grupos culturais da comunidade.

Etapas do projeto em sala

AULA 01 E 02 – Racismo, onde me dói?

Apresentamos 03 vídeos que de diferentes formas abordaram o tema no sentido de despertar aos poucos o interesse e a consciência dos estudantes.

VÍDEO 01 – Vista minha pele

VIDEO 02 – Fragmento de “Ó paí ó”

VÍDEO 03 – Das raízes às pontas

Objetivo/Reflexão: Trazer o assunto “racismo” para o contexto dos estudantes. Reconhecimento do problema. Nessa fase, observamos que os estudantes precisam de um tempo para amadurecer e reconhecer a existência do racismo e acabam contando suas experiências. Eles adoram a transgressão dos palavrões no vídeo “Ó paí ó”, mas nada que diminua o foco do texto interpretado no filme. Observei também que o vídeo “Vista a minha pele” incomoda as meninas negras e torna a proposta de inversão do vídeo um pouco boba. Porém, esse incômodo, já revela a seriedade e a proporção das dores causadas em experiências racistas do cotidiano.

AULA 03 - O que eu sei da África? (Já aplicada aos estudantes)

Painel de conhecimento – Os estudantes foram convidados a ir até o quadro e escrever pelo menos uma palavra sobre o primeiro pensamento que eles têm, quando falamos ou tratamos da África.

Objetivo/Reflexão: Identificar o conhecimento que os estudantes têm a respeito do continente africano. Entre risos e gargalhadas podemos observar primeiramente a dificuldade de se colocar, de se expressar, de oferecer um ponto de vista pessoal na multidão. A professora fez as observações esperadas, evidenciando a falta de conhecimento sobre a África, os estereótipos de pobreza e riqueza, os clichês e obviedades.

AULA 04 – Integração Portugal – África e Brasil

Aula expositiva e desenho – Desenvolvimento de um painel analítico que retoma os assuntos estudados no 1º Bimestre e os primeiros aspectos relacionados ao conceito decoloniedade.

AULA 05 – Equidade – Representatividade (02 aulas)

Aula com slides que oferece oportunidade de uma reflexão sobre a realidade brasileira e as características de cada segmento social – Conhecimento do conceito de políticas públicas e da política de cotas para o ensino público e as cotas de negros, pardos e indígenas.

AULA 06 - Apresentação da proposta de site

Exposição do projeto – Reconhecimento da presença do povo negro a partir da valorização e de sua força, usaremos toda a bagagem construída nas primeiras aulas (racismo-africanidades) para impulsionar nossa proposta. Utilizando o recurso da roda de conversa para retomar os diálogos e debates anteriores, traremos novos questionamentos e descobertas para servir de base para o momento da apresentação dos slides, que sintetizavam a proposta do projeto.

Reconhecimento do racismo estrutural presente na ciência, na história, na literatura, na política, que visibilizaram personagens negros da nossa história.

Em seguida, os estudantes serão convidados a se dividirem em grupo para o sorteio das personalidades negras que comporão o projeto. Eles serão instruídos a fazerem pesquisas individuais em casa, com um prazo de entrega estipulado.

O foco do debate será questionamentos acerca da história do povo negro por outro olhar e a ausência e necessidade da representatividade, além da urgência de fazer seus feitos aparecerem como parte importante da construção da nossa sociedade. Uma grande roda de conversa será promovida onde leituras serão retomadas, notícias atuais colocadas em debate.

O projeto está sendo pensado para apresentar grandes personalidades negras brasileiras, muitas vezes esquecidas pelo ensino de História tradicional. Os professores vão organizar uma lista de sugestões de diferentes áreas para que possamos ter uma multiplicidade de focos. Fazê-los refletir sobre porque as personalidades negras não são consideradas e valorizadas ainda hoje e finalmente, no coletivo, decidiremos como eles gostariam de organizar e compartilhar a pesquisa e enfim divulgar seu conhecimento com outras pessoas, dentro e fora do ambiente escolar.

AULA 07 – Mufete (Emicida)

A música escolhida para esse momento de sensibilização de resgate da ancestralidade, foi "Mufete", uma linda canção de amor à África composta por Emicida.

Objetivo/Reflexão: Aproximar os estudantes da África, utilizando a música, o ritmo e a dança para uma vivência reflexiva e sensorial de africanidade.

As professoras de Português vão fazer a mediação de leitura, explorando a letra da música, revelando sentidos, estabelecendo pontes com lugares, ritmos e afetos. O professor de Geografia vai explorar a paisagem contida na letra e no clip da música, destacando a proximidade cultural da África com o Brasil.

Oficinas do projeto incluindo a escola em dois turnos (Matutino e Vespertino)

EVENTO – 23/05 (Segunda-feira) – ABERTURA DO 2º FESTIVAL DYA KASSEMBE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA – LANÇAMENTO DO SITE "CIRCULANDO AFRICANIDADES"

Realização da Abertura do Festival Dya Kassembe de Contação de Histórias e lançamento do Projeto Circulando Africanidades.

Oficineiros:

EVENTO – 07/07 (Terça-feira) – RITMOS E LUGARES NA ÁFRICA

O evento ofereceu três oficinas nos turnos matutino e vespertino.

EVENTO – 27/08 (Sábado) – FEIRA DE CIÊNCIAS, ARTE E CULTURA DO CEF 02 DO PARANOÁ

O evento ocorrerá no dia 27/07, com a realização de feira de ciências onde todos os projetos científicos da escola serão apresentados à comunidade.

Resultados e Discussão

Discuta os resultados do trabalho, confrontando-os com aqueles disponíveis na bibliografia. Limite de 3.000 caracteres contando espaços. Se necessário, é permitido ultrapassar esse limite, desde que o tamanho total do documento não ultrapasse cinco páginas.

Conclusões

Apresente as principais conclusões do trabalho. Limite de 3.000 caracteres contando espaços. Se necessário, é permitido ultrapassar esse limite, desde que o tamanho total do documento não ultrapasse cinco páginas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires. CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021. Libro digital

KAVALERSKI, Luiz Fernando. Entre a narrativa colonial e a trajetória decolonial: indícios dos lugares dos afro-brasileiros e indígenas nos livros de História do ensino médio. Chapecó, SC – 2020

SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou? / Ana Célia da Silva. – Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. São Paulo: Ática, 2008

SOUZA, Fábio Feltrin, MORTARI, Organizadores. Histórias africanas e afro-brasileiras: ensino, questões e perspectivas. Tubarão, SC : Copiart ; Erechim, RS : UFFS, 2016.

LIMA, Haianna dos Santos Rodrigues. Personalidades Negras

Disponível em https: Acesso 17/07/2022

<https://sites.google.com/pro.escolaparque.g12.br/personalidadesnegrasbrasil/in%C3%ADcio/literatura?authuser=0>

SOMOS. SOMOS educação.

Disponível em: Acesso 22 set. 2019.

<http://www.somoseducacao.com.br/quem-somos/>